

 HARLEQUIN®

# Sabrina®

MINISSÉRIE

A dinastia  
Marchetti



ABBY  
GREEN

A NOIVA POR TRÁS  
DO VÉU DO DESERTO

Sabrina<sup>®</sup> MINISSÉRIE

A NOIVA POR TRÁS  
DO VÉU DO DESERTO

Abby Green





Editado por Harlequin Ibérica.  
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.  
Avenida de Burgos, 8B  
28036 Madrid

© 2021 Abby Green  
© 2022 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.  
A noiva por trás do véu do deserto, n.º 124 - junho 2022  
Título original: Bride Behind the Desert Veil  
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial. Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença. As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited. Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1105-468-3

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

# Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

## Prólogo

- A sua esposa já poderá mostrar o rosto.

O xeque Sharif Bin Noor Al Nazar esperou com impaciência enquanto as assistentes da sua esposa recente se aproximavam para lhe tirar o véu bordado que lhe cobrira o rosto durante a cerimónia do casamento. Nem sequer lhe vira os olhos.

Sharif não podia importar-se menos com o seu aspeto. Não tencionava consumir o casamento, que duraria o mínimo de tempo possível. Contudo, se fosse atraente, isso facilitaria muito as coisas.

Ouviu-se o tinido das correntes e das medalhas de ouro enquanto lhe tiravam o véu da cara. A primeira coisa que viu, embora desapaixonadamente, foi que não tinha de se preocupar com a sua beleza porque era incrivelmente bonita.

A segunda foi uma reação muito mais visceral. Pasma seguido de fúria. A sua esposa não era a desconhecida que esperara. Na verdade, não tinha nada de desconhecida, conhecia-a... intimamente.

Uma palavra ecoou-lhe na cabeça e não soube se a dissera em voz alta. «Tu!»

# Capítulo 1

*Duas semanas antes*

- Estás a dizer-me que não sabes como é a tua futura esposa?

A expressão de espanto de Nikos Marchetti foi quase cómica. O meio-irmão mais novo de Sharif falava por videochamada desde a sua casa na Irlanda, mas Sharif conseguia ver a sua esposa Maggie, grávida outra vez, que andava de um lado para o outro com Daniel, o filho de oito meses, ao colo. Por algum motivo desconhecido, essa cena tão doméstica afetava-o mais do que devia.

- Não - respondeu Sharif, tentando concentrar-se no irmão -, não sei como é. Nem sei nada sobre ela nem me interessa. Vou casar-me porque tenho de cumprir um pacto diplomático entre Al-Murja e Taraq... e porque parece que assentar é favorável para a empresa - acrescentou ele.

Isso era dizer pouco. A cotação das ações do Grupo Marchetti estava nas nuvens desde que os seus dois irmãos mais novos se tinham casado. Maks, o mais novo, casara-se em Londres, pouco antes do Natal. Sharif, no entanto, sabia que podiam subir ainda mais e alcançar uma estabilidade e um valor que o aproximaria muito do que decidira fazer quando o seu pai morrera, quando finalmente renunciara ao controlo da empresa que erguera graças às fortunas de outras pessoas, concretamente, das suas três esposas, as mães de Maks e Nikos e a sua mãe.

As caras de Maggie e Daniel apareceram por trás do ombro de Nikos.

- Al-Murja e Taraq? Um casamento por conveniência? Parece muito exótico...

Sharif voltou a concentrar-se no presente.

Nikos pegara no filho e a esposa sentara-se ao seu colo.

- O Sharif não é como o comum dos mortais - comentou Nikos. - Nesta parte do mundo, é o Sharif Marchetti, um dos multimilionários mais prósperos do mundo, mas em Al-Murja, a terra da sua mãe, é um xeque da família real e até tem outro nome.

- Ah... - Maggie esbugalhou os olhos. - Não sabia. Qual é o teu outro nome?

Bateram à porta do escritório de Sharif em Manhattan. Agradeceu porque não gostava dessa confiança. Os seus irmãos e ele tinham-se aproximado durante os últimos meses, mas continuavam sem ser uma família real.

- Chegou o meu carro. Ligo-te quando voltar.

- Porque fazes isto outra vez? - perguntou o irmão, abanando a cabeça.

- Porque tenho inveja do que o Maks e tu têm - respondeu Sharif. - Quero ser tão feliz como vocês.

Desligou, ouvindo a gargalhada de incredulidade de Nikos, mas algo se rasgou por dentro. Algo que só deixaria de o rasgar quando destruísse o legado do seu pai, o Grupo Marchetti.

Sentiu problemas de consciência alguns minutos mais tarde, quando se sentou no banco traseiro da limusina e pensou em como os seus meios-irmãos reagiriam se soubessem dos seus planos. No entanto, sufocou-o imediatamente. Não sentiam mais gratidão pelo pai do que ele. Além disso, embora tivessem chegado a sentir simpatia, não contava os seus planos a ninguém. Contar-lhes-ia quando chegasse o momento e separar-se-iam com uma fortuna incalculável.

O que mais podiam querer?

*Uma semana antes, em Taraq*

- Porque haveria de deixar que ocupasses o lugar da tua irmã neste casamento?

Aaliyah Binte Rashad Mansour fez um esforço para não perder a calma, mas não dormira e ardiam-lhe os olhos depois de ter voltado de Inglaterra para o seu país no meio da península arábica porque a adorada irmã mais nova lhe ligara, histérica.

- Porque sou a tua filha mais velha. A Samara só tem dezanove anos.

Além disso, estava apaixonada pelo filho do assessor-chefe do rei.

O pai de Liyah ficou em silêncio e ela aproveitou.

- A Samara nem sequer viu o homem com quem queres que se case. Evidentemente, não se conhecem. O que importa se sou eu e não ela?

A irmã contara-lhe que só queria uma esposa, que pouco importava quem era desde que fosse dessa família.

O pai deixou escapar um som pouco claro. Não era um homem muito alto. Ela, que media um metro e setenta e sete centímetros, era quase mais alta e sempre lhe parecera que não gostava que fosse tão pouco delicada, entre outras coisas que nunca entendera.

A mãe fora a sua primeira esposa e falecera quando Liyah era muito nova. Recordava vagamente que a embalava e lhe cantava canções, mas também se convencera de que era uma fantasia para compensar que a tivessem deixado de lado quando o pai voltara a casar-se e tivera outros filhos.

Samara fora o único integrante da família que pudera aproximar-se. Seguiria-a como uma sombra desde que era pequena e derrubara todas as barreiras que erguera.

Não pensara duas vezes quando soubera que Samara estava a sofrer e porquê. Voltara e oferecera-se para ocupar o lugar da irmã, mas nesse momento, quando estava à frente do pai, uma sensação de pânico apoderou-se dela.

- Em qualquer caso, quem é ele? - continuou Liyah. - Além disso, porque está disposto a casar-se com uma mulher que não conhece? Achava que os casamentos por conveniência tinham acabado.

- Não sejas ingénua, Aaliyah. Os melhores casamentos continuam a ser os que se combinam em benefício das duas partes, neste caso, dois reinos que têm uma história muito longa de inimizade.

- Mas há anos que não...

- É o primo do rei de Al-Murja e, ao casar-se com um membro desta família e oferecer um dote, está a cumprir um pacto diplomático que se fez há décadas - interrompeu o pai. - A mãe dele devia ter-se casado com o teu tio, mas fugiu para a Europa e casou-se com um *playboy* italiano. O casamento desfez-se e ela voltou desonrada e com um filho. Ela morreu quando o filho ainda era jovem e o pai tomou conta dele.

Essa história parecia-lhe familiar, mas o pai olhou para ela com um brilho nos olhos pretos, muito diferentes dos verdes dela.

- A mãe dele foi para a Europa como tu, Aaliyah. Têm o mesmo espírito rebelde.

Liyah ficou tensa de indignação.

- Não tem nada de rebeldia querer...

O pai levantou uma mão e voltou a interromper.

- Não, a verdade é que acho que isto correrá muito bem. O xeque Sharif Bin Noor Al Nazar tem o controlo de um grupo imenso do setor do luxo na Europa. Não tolerará que a esposa seja rebelde, é exatamente o que precisas para aprender o que é o controlo e o respeito, Aaliyah.

Um milhão de coisas fizeram com que o sangue fervesse, sobretudo, um mal que já conhecia muito bem e a vontade de se defender, mas fez um esforço para conter tudo.

- Isso significa que me permitirás ocupar o lugar da Samara?

O pai olhou para ela sem carinho nos olhos, só com esse desdém gélido com que a observava sempre.

- Sim, vais casar-te com o xeque Sharif Bin Noor Al Nazar e redimir-te aos olhos desta família.

O alívio misturou-se com o pânico devido ao que acabara de fazer, mas já não podia voltar atrás quando a felicidade de Samara estava em jogo... e faria tudo pela irmã.

O pai já estava a afastar-se e ela não pôde conter-se.

- Porque te importo tão pouco, pai?

Ele parou e virou-se. Liyah, pela primeira vez na sua vida, viu vida nos seus olhos e, incrivelmente, não soube que era uma dor aguda até falar.

- Porque a tua mãe foi a única mulher que amei e tu és exatamente como ela, cada dia que passa é como uma lembrança do que perdi.

### *No dia anterior*

Sharif viu o falcão. Era um falcão peregrino imponente de dez anos. Os raios dourados do sol do entardecer refletiam-se nas penas e os elegantes círculos que traçava no ar não o enganavam. Estava à procura de uma presa e precipitar-se-ia sobre ela em segundos. Ouviu os cascos de um cavalo.

Escondeu-se entre as sombras das árvores que rodeavam o oásis onde acampara para passar a noite na sua viagem até ao palácio de Taraq. O seu séquito fora à frente. Precisava de passar algum tempo sozinho no deserto. Era algo que lhe dava força e ia precisar dela nas semanas seguintes.

Um cavalo e o seu cavaleiro irromperam ruidosamente no oásis pequeno e exuberante. Sharif soube imediatamente que o jovem era um cavaleiro consumado. O seu corpo mexia-se em unísono com o do cavalo enorme, que parou bruscamente com um puxão leve das rédeas. Tinha o corpo coberto de suor e notava-se que fora uma cavalgada exigente.

O jovem desmontou com agilidade, deu uma palmada no pescoço do cavalo, levou-o para a água para que bebesse com avidez e prendeu as rédeas a uma árvore.

Sharif não soube porque ficou entre as sombras, mas a intuição dizia-lhe que tinha de ficar escondido. Percebeu que o desconhecido também queria estar sozinho. Além disso, pensou que se iria embora assim que o cavalo bebesse e descansasse um pouco.

Não conseguia ver a cara do homem, do rapaz. Tinha de ser um rapaz. Era alto, mas demasiado leve para ser um homem, e tinha a cabeça coberta com um turbante.

O falcão começou a descer e Sharif viu que o cavaleiro levantava o braço direito. O pássaro pousou no braço com uma luva de couro. Era um falcão treinado...

O desconhecido deu de comer à ave até abanar um pouco o braço e o falcão voar outra vez.

O rapaz estava à beira do lago, suspirou e o seu corpo esbelto tremeu. Então, levantou as mãos para desfazer o turbante.

Sharif mexeu-se para que o visse, mas parou quando ele tirou o turbante e viu um cabelo de caracóis escuros a cair pelas costas estreitas. Costas estreitas... Cabelo aos caracóis...

Não era um rapaz, era uma rapariga. Então, ficou mudo e sem conseguir mexer-se quando ela começou a despir-se.

A galopada até ao oásis só acalmara um pouco da agitação, uma mistura explosiva de raiva e impotência. Era

a véspera do seu casamento e estava irremediavelmente presa. Além disso, encontrava-se nessa situação por causa da irmã, o que fazia com que se sentisse ainda mais impotente. Ninguém a obrigara a fazê-lo, poderia ter ignorado a chamada da irmã e ter ficado na Europa.

No entanto, não teria sido capaz. Adorava a irmã, a única da sua família que a aceitara e amara. Faria tudo para garantir a felicidade de Samara, até aquilo.

Além disso, fizera o pai prometer que não impediria que Samara se casasse com o seu querido Javid e o seu sacrifício não seria em vão.

Mesmo assim, o que a incomodava não era esse sacrifício. Continuava a pensar no que o pai dissera há uma semana, que amara a mãe e que o fazia pensar nela. Não lhe agradava especialmente saber porque a rejeitara, só complicava um pouco mais a sua sensação de ser excluída e isolada. O amor fizera isso ao pai, amargurara-o.

Em certo sentido, tê-lo descoberto confirmava o que já acreditava, que não podia confiar no amor, porque debilitava.

Sabia que devia aceder a um casamento baseado no pragmático e no necessário.

Ter vivido dois anos na Europa dera-lhe uma sensação falsa de liberdade. Essa liberdade fora uma ilusão. Mesmo que não tivesse voltado para ocupar o lugar da irmã, a rejeição da família sempre teria sido como uma sombra que lhe teria recordado que não a amavam.

Desde que o pai dissera que o seu futuro marido seria o presidente de um grupo muito importante do setor do luxo, imaginara-o como o tipo de homem que se fartara de comida deliciosa, mulheres bonitas e prazeres frívolos.

Não queria estragar os últimos dias de liberdade a pensar num futuro que não podia mudar e nem sequer procurara esse homem na Internet.

A água do lago parecia fresca e tentadora e ela sentia-se acalorada e tensa, à beira do pânico.

Deixou cair o turbante e começou a despir-se. Podia estar sossegada porque ninguém ia lá. Desabotoou a camisa e caiu-lhe pelos braços. Sentiu pele de galinha devido à brisa do entardecer. Desabotoou o sutiã e também o deixou cair. Soltou o botão das calças de couro e tirou-as, juntamente com a roupa interior. Já estava nua.

O cavalo relinchou ligeiramente. O céu tinha um tom arroxado e estava cheio de estrelas. A lua, em quarto crescente, estava a começar a aparecer e sentiu que a emoção a embargava. Voltaria lá alguma vez? Adorava aquele lugar e era onde se sentia mais em paz. Adorava galopar pela areia com a ave no céu, livre e despreocupada.

Entrou na água, que continuava temperada depois de vários dias de um calor intenso. O seu reflexo brilhou na pele enquanto entrava até à cintura, antes de mergulhar numas profundidades mais frias e escuras.

Não voltou a sair até lhe parecer que os pulmões iam rebentar. Respirou fundo e assustou-se ao ouvir a voz de um homem.

- Pode saber-se o que está a fazer? Quase mergulhei para a salvar.

Liyah virou-se para olhar para a margem, mas voltou a afundar-se na água ao ver um desconhecido muito alto e muito moreno. Tinha barba incipiente, mas Liyah, apesar do susto, pôde ver que era incrivelmente atraente e poderoso.

Os olhos eram escuros e as maçãs do rosto, proeminentes. Também tinha os dentes cerrados com firmeza.

Esse ar de censura tirou-a do estupor. Já a tinham censurado bastante na sua vida e, além disso, tinha invadido a sua tranquilidade, a sua última noite de solidão.

- Não preciso que me salvem. Há quanto tempo está aí?
- O suficiente - declarou ele. - Tem de sair.
- Não tenho de fazer nada - replicou ela.
- Vai ficar aí toda a noite? Vai congelar.

Isso era verdade. O calor abrasador do deserto transformava-se em frio gélido à noite e ela já sentia que lhe chegava aos ossos.

- Não posso sair, estou nua.

Espantosamente, não se sentia ameaçada, mesmo que aquele homem fosse um desconhecido.

- Eu sei.

- Espiou-me - acusou Liyah.

A ideia de a ter visto a despir-se e a entrar na água não a indignava, excitava-a.

Não sabia se estava a sonhar. Teria jurado que não havia ninguém quando chegara, mas também não verificara os arredores.

Então, quando olhou para trás do homem, viu uma tenda entre as árvores que havia do outro lado do oásis. Também viu um cavalo, que relinchou suavemente.

- Acampou?

- Sim, para passar esta noite.

Tinha uma voz grave e um sotaque que ela não conseguiu reconhecer. Era uma mistura de sotaque britânico e americano com um pouco daquela zona. Era uma mistura intrigante. Não o vira antes, era um desconhecido.

Devia perguntar-lhe quem era, mas, por algum motivo, as palavras não lhe saíam da boca. Além disso, ele tinha razão, não podia ficar toda a noite na água.

- Tenho de me vestir.

A roupa estava espalhada pela margem, mas ele, em vez de pegar nela, tirou a túnica. Liyah ficou com falta de ar ao ver o seu peito. Era um peito musculado com pelos escuros nos peitorais e uma linha também escura que descia entre os abdominais para desaparecer por baixo de umas calças largas que lhe pendiam das ancas estreitas.

- Tome.

Esticou a túnica da margem e ela aproximou-se. Então, viu que tinha os pés dentro de água.

- Está a molhar as calças.

- Secarão.

Liyah voltou a questionar-se se estaria a sonhar, mas nenhum sonho se parecia com aquilo. Começou a andar e sentiu a resistência da água no corpo.

Parou quando a água chegou aos seios. Esperou que o homem se virasse, que mostrasse algum respeito, mas não o fez. Além disso, já a vira, embora rezasse para que tivesse sido de costas.

Mais uma vez, não se sentia violentada, sentia-se... emocionada.

Se fosse minimamente racional, devia sentir-se assustada, insultada, temerosa e indignada, mas não sentia nada disso.

Também devia estar a pedir-lhe para se virar. No entanto, as palavras continuavam sem sair da sua boca. Tinha uma labareda por dentro que fazia com que quisesse rebelar-se. Tinha de ser uma reação a tudo o que se passava, a tudo o que se esperava dela, mas tinha a sensação de que estava a recuperar o controlo de uma vida que se descontrolara por completo.

Também tinha uma vontade incontrolável de se aproximar desse desconhecido, nua.

Deu outro passo e a água ficou por cima dos seios. Com o passo seguinte, os seios ficaram expostos ao olhar desse homem. Viu-o com mais clareza. Tinha os olhos pretos e um queixo muito definido e tenso. Baixou o olhar. Ela já tinha os mamilos duros por causa da água.

Continuou a mexer-se e sentiu a água na barriga, nas ancas, nas coxas e entre as pernas, onde o centro do seu corpo palpitava com ardor.

Em algum canto remoto do seu cérebro, estava horrorizada por estar a comportar-se com esse descaramento. Nunca teria permitido que um desconhecido a visse nua, mas ali, naquele lugar que sempre fora como um refúgio sagrado para ela, sentia-se à margem dos limites de um comportamento normal.